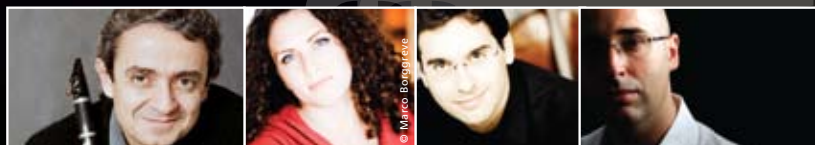


Schostakovich Ensemble

ENSEMBLE EM RESIDÊNCIA
TEMPORADA 2009-2010



Contrastes x4

PASCAL MORAGUÈS CLARINETE
LIZA FERSCHTMAN VIOLINO
CHRISTIAN POLTÉRA VIOLONCELO
FILIPE PINTO-RIBEIRO PIANO

CCB

Contrastes x4

SCHOSTAKOVICH ENSEMBLE

com

FILIFE PINTO-RIBEIRO

piano

PASCAL MORAGUÈS

clarinete

LIZA FERSCHTMAN

violino

CHRISTIAN POLTÉRA

violoncelo

PROGRAMA

I Parte

JOSEPH HAYDN (1732-1809)

Trio para piano, Hob. XV n.º 9 (1785)

JOHANNES BRAHMS (1833-1897)

Trio para piano, clarinete e violoncelo, op. 114

II Parte

BÉLA BARTÓK (1881-1945)

Contrastes BB 116, para violino, clarinete e piano (1938)

PAUL HINDEMITH (1895-1963)

Quarteto para piano, clarinete, violino e violoncelo (1938)

SÁBADO

27 Março 21h

Pequeno Auditório Sala Eduardo Prado Coelho

Contrastes X 4

A exploração da noção de contraste enquanto *leitmotiv* para o presente concerto representa uma opção estética que se reflecte minuciosamente na escolha do repertório. O contraste das obras seleccionadas manifesta-se na escolha de repertório que se encontra em períodos históricos distintos, mas também na individualidade e especificidade criativa de cada uma.

É possível associar, sem no entanto reduzir tal consideração, que a noção de contraste está também associada à ideia de originalidade e novidade, uma vez que as obras em audição representam – dentro do âmbito da música de câmara – momentos de experimentação por parte dos seus criadores.

A composição de peças para pequenos *ensembles* de corda surgiu no final do Renascimento, mas foi durante o século XVIII que a música de câmara atingiu o seu período áureo de desenvolvimento, nomeadamente pela mestria de compositores como Joseph Haydn ou Wolfgang Amadeus Mozart.

Do final do século XVII até meados do século seguinte o agrupamento de câmara mais comum tinha o formato de trio sonata, constituído por dois instrumentos melódicos acompanhados por contínuo, este último comumente executado por um cravo. O denominado “Século das Luzes” assistiu à afirmação do novo instrumento de teclas criado por Bartolomeo Cristofori, o piano, que, pelas possibilidades dinâmicas e expressivas que oferecia, colocou o cravo numa posição secundária. A proliferação do piano e a sua produção nos principais centros musicais europeus permitiu o florescimento do repertório destinado também a um público burguês e amador.

Joseph Haydn foi um dos compositores que, no seu tempo, mais peso teria no desenvolvimento dos géneros camerísticos, dedicando-se à composição de quartetos de cordas, trios para piano, entre outros. A sua vasta e elaborada produção neste campo, reflectida em diferentes momentos de maturidade da sua concepção musical, levou alguns especialistas a considerá-lo como um dos mais importantes compositores de música de câmara do século XVIII. O *Trio para piano n.º 22 em Lá maior*, Hob. XV/9 foi composto em 1785, quando estava ao serviço da corte de Esterházy, numa época em que Haydn era considerado um dos compositores mais destacados da Europa, em parte devido à circulação do seu repertório e apresentação das suas obras em diversos concertos públicos.

Haydn compôs o Trio para piano supracitado em dois andamentos, facto que contrasta com a maioria dos seus trios para piano, usualmente em três andamentos.

A instrumentação deste trio destaca-se pelo papel independente atribuído ao violoncelo – talvez tendo em conta o seu patrono, um exímio executante de viola da gamba e barítono – instrumento ao qual, até então, cabia a mera duplicação da linha melódica mais grave. O primeiro andamento, *Adagio*, apresenta um carácter de diálogo entre o piano e a dupla constituída pelo violino e violoncelo. O resultado final remete-nos claramente para uma linguagem situada na essência estética do estilo galante que proliferava pela Europa Central e era utilizado pelos principais compositores. O segundo andamento, um *Vivace alegre* e movimentado, sugere também um ambiente galante numa construção ritmicamente marcada ao estilo de uma dança, reflectindo o gosto dos espaços de recepção musical aos quais se destinavam estas obras.

O desenvolvimento que os géneros camerísticos tiveram ao longo do século XVIII, com uma crescente complexificação e autonomização da sua linguagem musical e do papel dos instrumentos musicais, conduziram a um século XIX inspirado sobretudo por Beethoven, Schubert, no qual compositores como Schumann ou Brahms exploraram novas possibilidades técnicas e expressivas.

No contexto estético do denominado romantismo, Brahms afirmou-se como uma das principais referências da música de câmara. A sua produção musical estendeu-se por mais de quatro décadas, tendo a música de câmara tido um lugar de relevo com a criação de mais de vinte obras. Várias leituras têm surgido acerca da dimensão destas

obras, sendo que para muitos estas constituíram o espaço no qual se captou a personalidade criativa de Brahms, conduzindo os vários géneros de câmara a um estado de enorme complexidade e elevação composicional.

Destaca-se numa fase de maior maturidade da sua vida, nos anos 90, um conjunto de obras de câmara que integram o **Trio para piano, clarinete e violoncelo op. 114** e o **Quinteto para clarinete op. 115**. Este repertório reflecte uma certa melancolia apoiada numa postura introspectiva e o uso de novos recursos musicais, ilustrado pela utilização de grupos temáticos complexos baseados no desenvolvimento contrapontístico em contraste com as melodias exuberantes da juventude.

Brahms chegou a decidir, nesta fase conturbada, que não voltaria a compor, destacando-se duas ocasiões em particular datadas de final de 1890 e 1894 e que se relacionam com a obra em análise. Seria um rasgo de inspiração incentivado pelo conceituado clarinetista Richard Mühlfeld, que o traria de novo à criação musical em 1891 com a composição do **Trio para clarinete, piano e violoncelo op. 114**. Foi estreado em Dezembro do mesmo ano, num concerto que contou com o próprio Brahms, com Mühlfeld e Robert Hausmann, destacado violoncelista do Quarteto Joachim. Esta obra destaca-se numa primeira instância pela utilização de três instrumentos de famílias distintas.

O clarinete integra-se perfeitamente nestas obras tardias como meio de expressão da melancolia e inquietação da fase final da vida do compositor, elemento que se alia ao ambiente sério do **Trio op. 114**, sublinhado pela predominância do modo menor.

>
É ao violoncelo que cabe a abertura do primeiro andamento, seguido dos seus dois interlocutores que colaboram num diálogo assente no desenvolvimento contrapontístico dos temas. O andamento seguinte, *Adagio*, introduz o modo maior e uma mudança fundamental de ambiente, assente na intensa concentração de material temático, e no diálogo permanente entre os três solistas. O *Andantino grazioso* desvenda um duelo intenso entre o clarinete e o violoncelo, que, nas palavras do amigo do compositor, o musicólogo Eusebius Mandyczewski, parecem estar enamorados. Termina com um *Finale* movimentado ilustrando o uso de elementos rítmicos e de textura distintos mas em perfeita simbiose.

A ideia de contraste é ainda mais evidente quando chegamos ao repertório camerístico do século XX. De facto, foi a partir da obra homónima de Béla Bartók que surgiu a ideia de um programa assente neste conceito. A obra **Contrastes** foi composta no final da década de trinta, num período de grande maturidade e reconhecimento internacional da produção musical do compositor húngaro. É notória a preferência de Batom pelo género de câmara neste período, como ilustram os Quartetos de cordas nº 5 e nº 6, a *Sonata para dois pianos e percussão* e *contrastes*, a única obra de câmara a envolver um instrumento de sopro.

Composta em 1938, **Contrastes** é uma das últimas obras criadas na sua Hungria natal, antes de emigrar para os Estados Unidos da América em 1940 na sequência da oposição ao regime.

A encomenda da obra resultou do encontro entre o violinista József Sziget e do clarinetista e maestro de *Big Band*, Benny

Goodman. Os dois intérpretes pretendiam uma composição para clarinete e violino, com acompanhamento de piano, em dois andamentos com a duração de cerca de seis minutos. Esta especificidade prendia-se com o facto de pretenderem gravá-la e, por esta razão, cada andamento deveria ter a duração máxima de três minutos de modo a poder encaixar em cada um dos lados de um fonograma de 78 rotações por minuto. No entanto, Bartók acrescentou um terceiro andamento, ficando a obra com cerca de quinze minutos de duração. A estrutura de **Contrastes** é bastante complexa, englobando uma amálgama de influências do folclore da Europa de Leste em sinergia com técnicas de composição eruditas de século XX, usando títulos próprios para cada andamento e não a comum terminologia musical.

O primeiro andamento, intitulado *Verbunkus*, alude a uma dança tradicional romena, apresentando uma organização melódica que remete para o imaginário folclórico, com particular destaque para o uso quase percussivo do violino, dos *glissandi* no piano e da execução virtuosística do clarinete. *Piheno*, ou *relaxamento*, é um andamento de cariz puramente melódico sem uma pulsação forte, contrastando fortemente com os outros dois andamentos. O andamento final, *Sebes*, ou *Dança Rápida*, apresenta um quadro frenético com uma métrica bastante irregular.

Tal como Bartók, também Paul Hindemith se viu forçado a emigrar para os Estados Unidos em 1940, passando primeiro por uma estada na Suíça. O *Quarteto para piano, clarinete, violino e violoncelo*, da sua autoria, data de 1938 – o mesmo ano de **Contrastes** –, e é uma das últimas obras compostas ainda na Europa. >

>
Hindemith dedicou-se, na segunda metade da década de trinta, à composição e aprofundamento teórico da música. Esta produção deveu-se em parte ao facto de terem sido cancelados todos os concertos com obras suas, pelo regime Nazi, ao qual se opunha.

O *Quarteto* reflecte por um lado o uso de elementos neoclássicos com uma linguagem contemporânea, contrastando com os apontamentos contrapontísticos que evocam o período Barroco. Apresenta uma estrutura em três andamentos explorando a diferença dos registos agudos e graves dos quatro instrumentos. O primeiro andamento caracteriza-se por um motivo ondulante constante, salientando-se o jogo contrapontístico entre as várias partes. Segue-se um *Muito Lento*, que se destaca pela exploração melódica do clarinete no registo agudo, acompanhado por um jogo entre o violino e o violoncelo, sustentados pelo surgimento pontual do piano. Uma secção intermédia surge mais movimentada, na qual todos os instrumentos dialogam de modo intenso, retomando posteriormente o ambiente inicial. O andamento final inicia-se com um diálogo entre o clarinete e o piano, desenvolvendo-se em momentos contrastantes no que concerne às linguagens temática e rítmica.

SCHOSTAKOVICH ENSEMBLE

com

FILIFE PINTO-RIBEIRO *piano*

PASCAL MORAGUÈS *clarinete*

LIZA FERSCHTMAN *violino*

CHRISTIAN POLTÉRA *violoncelo*

SCHOSTAKOVICH ENSEMBLE (DSCH) > DIRECÇÃO ARTÍSTICA . **FILIFE PINTO-RIBEIRO**

O Schostakovich Ensemble (DSCH) resulta do encontro de músicos notáveis, mestres nos seus instrumentos, que se movem por um profundo prazer em fazer música de câmara e por uma cumplicidade artística que os coloca em posição de destaque. O Schostakovich Ensemble foi criado em 2006, ano do centenário do nascimento do compositor Dmitri Schostakovich, e apresentou-se em concertos em países como Portugal, Rússia, Suécia, Estónia ou Espanha, obtendo excelente receptividade da crítica e do público. Agrupamento de geometria variável, o Schostakovich Ensemble conta, esta temporada, com a participação de vários músicos, como os pianistas Filife Pinto-Ribeiro, Eldar Nebolsin e Rosa Maria Barrantes, o clarinetista Pascal Moraguès, o oboísta Ramón Ortega, os violinistas Tatiana Samouil, Corey Creovsek e Karen Gomyo, os violetistas Gérard Caussé, Natalia Tchitch e Tony Nys, os violoncelistas Pavel Gomziakov, Justus Grimm, Christian Poltéra e Gary HoffmannHHffddiughyi, o contrabaixista Tiago Pinto-Ribeiro, os percussionistas Pedro Carneiro e Juanjo Guillem, entre outros. Aborda um vasto repertório com obras de diversos compositores, de Bach a Schumann, de Beethoven a Gubaidulina, de Brahms a Ravel, destacando-se os projectos como a integral da obra de música de câmara com piano de Dmitri Schostakovich, "Schubertiadas", a integral dos Trios com piano de Beethoven, colaborações com os músicos José Van Dam, Pascal Moraguès, Gérard Caussé, Vladimir Mendelssohn ou Philippe Graffin, e artistas de outras áreas como Paolo Nozolino, Gabriela Albergaria e Beatriz Batarda. O DSCH gravou recentemente um concerto com obras de Haydn e Mendelssohn para o canal francês de música *Mezzo*. É *ensemble* em residência no Centro Cultural de Belém e tem a direcção artística de Filife Pinto-Ribeiro.

FILIFE PINTO-RIBEIRO . PIANO > Nasceu no Porto em 1975. É considerado um dos principais músicos portugueses da actualidade. Pianista laureado, apresenta-se assiduamente nas mais importantes salas de concerto em Portugal e no estrangeiro, vendo o seu pianismo reconhecido como ímpar pela crítica especializada. Estudou no Conservatório Tchaikovsky de Moscovo sob a orientação da professora Liudmila Roschina. Em Portugal, foi aluno de Helena de Sá e Costa e de Pedro Burmester. Foi apreciado e aconselhado por alguns dos maiores nomes do panorama pianístico mundial, como Eliso Virsaladze e Dmitri Bashkirov. Como bolsheiro da Fundação Calouste Gulbenkian, concluiu com a máxima classificação o doutoramento em *performance* musical – piano – no Conservatório Tchaikovsky de Moscovo. Gravou diversos CD, que receberam excelente receptividade por parte do público e da crítica musical. Em Portugal, fez a estreia de obras como os *24 Prelúdios e Fugas*, op. 87 de D. Schostakovich e o *Concerto para piano e orquestra*, op. 33 de A. Dvorák. Apresenta-se frequentemente a solo com diversas orquestras e maestros, em Portugal e no estrangeiro, como a Orquestra Filarmónica da Eslováquia, Orquestra Filarmónica da Arménia, Orquestra Nacional do Porto, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra de Câmara do Kremlin, sob a direcção, entre outros, dos maestros John Nelson, Charles Olivieri-Munroe, Roman Brogli-Sacher, Luis Izquierdo, Marc Tardue e Misha Rachlevsky. No âmbito da música de câmara, tem-se apresentado em parceria com os músicos José Van Dam, Gérard Caussé, Pascal Moraguès ou Vladimir Mendelssohn. É director artístico do Schostakovich Ensemble. Além da sua intensa actividade concertística, orienta frequentemente *master-classes* e é professor de piano na Universidade Católica Portuguesa, no Porto.

PASCAL MORAGUÈS . CLARINETE > Clarinete principal da Orquestra de Paris desde 1981, Pascal Moraguès é professor no Conservatório Nacional Superior de Música de Paris desde 1995 e professor convidado da Escola Superior de Música de Osaka, no Japão, desde 2002. Ao longo da sua carreira como solista trabalhou com maestros de renome, incluindo Daniel Barenboim, Pierre Boulez, Semyon Bychkov, Carlo-Maria Giulini, Zubin Metha, Emmanuel Krivine, Frans Brüggen, Louis Langrée e Stephan Sanderling. É membro do Quinteto Moraguès, do Mullova Ensemble, do Katia and Marielle Ensemble, e é regularmente convidado pela Orquestra de Câmara da Europa. No domínio da música de câmara tocou com Sviatoslav Richter, Christian Zacharias, Daniel Barenboim, Elena Bashkirova, Christophe Eschenbach, Pascal Rogé, Christian Ivaldi, Brigitte Engerer, Itamar Golan, Stephen Bishop, Oleg Maisenberg, Joseph Kalichstein, Schlomo Mintz, Joshua Bell, Yuri Bashmet, Gary Hoffman, Nathalia Gutman e Felicity Lott, com o Trio Guarneri e com os quartetos de cordas Borodine, Sine Nomine, Carmina, Amati, Prazák, Lindsay, Endellion, Jerusalem, Isaye, Parisii e Talich. Pascal Moraguès actua com frequência em prestigiadas salas de concerto internacionais, como Wigmore Hall de Londres, Musikverein de Viena, Konzerthaus de Berlim, Carnegie Hall de Nova Iorque, Lincoln Center de Washington, Théâtre des Champs Elysées e Théâtre du Châtelet, em Paris, apre-



© Marco Borggreve



sentando-se com regularidade no Japão, nos Estados Unidos da América, na Austrália, no Extremo Oriente e na Europa, em concertos e em cursos de aperfeiçoamento. Realizou muitas gravações, tendo colaborado com Sviatoslav Richter, Viktoria Mullova e o Quinteto Moraguès, recebendo vários prémios internacionais.

LIZA FERSCHTMAN . VIOLINO > É considerada uma das violinistas mais importantes da sua geração pelas suas interpretações apaixonadas e também suas pelas qualidades intelectuais. Recentemente, Liza Ferschtman tem-se apresentado a solo não só com as melhores orquestras holandesas como a Orquestra Concertgebouw, Sinfonietta de Amesterdão, Filarmónica de Roterdão, Orquestra Residentie, Orquestra Filarmónica da Holanda, Orquestra de Câmara do Concertgebouw, assim como com a Orquestra Sinfónica do Principado das Astúrias, Filarmónica de Praga, Orquestra Sinfónica de Noerkopping, Orquestra da Rádio da Eslovénia, Orquestra do Festival de Schleswig Holstein, Orquestra Nacional de Porto e Orquestra Sinfónica de Israel, tendo trabalhado com Maestros como Leonard Slatkin, Lev Markiz, Yakov Kreizberg, Lawrence Renes, Jaap van Zweden, Frans Brüggen, Ed Spanjaard, Thierry Fisher, Mendi Rodan, Christoph von Dohnányi e Shlomo Mintz. Filha de músicos russos, começou a tocar violino com 5 anos tendo sido aluna de Philipp Hirschhorn. Ainda muito jovem, frequentou *Master-classes* com Yvry Gitlis, Igor Oistrach e Aaron Rosand, tendo imediatamente sido descoberto o seu talento extraordinário. Até 1998 estudou com Herman Krebbers no Conservatório de Amesterdão, tendo depois trabalhado com Iva Kavafian no prestigiado Curtis Institute of Music em Filadelfia e com David Takeno em Londres. Apaixonada pela música de câmara, Liza Ferschtman é Directora Artística do mais importante festival de música de câmara da Holanda, o Delft Chamber Music Festival. O seu primeiro CD, com obras de Debussy, Poulenc e Tchaikovsky foi gravado com o pianista Bas Verheijden. Gravou também um CD com o pianista Inon Barnatan, editado pela Challenge Records e lançado em 2007. No início de 2010, gravou um CD solo com obras de Bach e Ysayë. Em 2006, Liza Ferschtman recebeu o Dutch Music Award 2006, a maior distinção para músicos na Holanda.

CHRISTIAN POLTÉRA . VIOLONCELO > Nasceu em Zurique. Depois de ter trabalhado com Nancy Chumachenko e com Boris Pergamenschikow, estudou com Heinrich Schiff em Salzburgo e em Viena. Como solista, tem tocado com algumas das melhores orquestras mundiais, incluindo a Orquestra Filarmónica de Munique, Orquestra Gewandhaus de Leipzig, a Orquestra Sinfónica NDR de Hamburgo, Orquestra Filarmónica de Oslo, a Orquestra dell'Accademia Nazionale di Santa Cecilia em Roma, Orquestra de Paris, BBC Symphony Orchestra e a Orquestra de Câmara da Europa, dirigido pelos maestros Bernard Haitink, Riccardo Chailly, Christoph von Dohnanyi e John Eliot Gardiner. Também se dedica intensamente à música de câmara, tocando com músicos como Gidon Kremer, Christian Tetzlaff, Leif Ove Andsnes, Mitsuko Uchida, Lars Vogt, Kathryn Stott, Martin Fröst, e com os quartetos de cordas Aurny e Zehetmair. Com Frank Peter Zimmermann e Antoine Tamestit, Christian Poltéra formou um trio de cordas que toca nas salas mais prestigiadas e em festivais por toda a Europa. Em 2004 recebeu o Prémio Borletti-Buitoni Award e foi seleccionado como Artista da Nova Geração da BBC. Em 2006-2007, foi considerado como uma "estrela emergente" (Rising Star) do European Concert Hall Organization. É convidado regularmente para festivais de renome (como os de Salzburgo, Lucerna, Berlim, Edimburgo e Viena) e fez o seu "début" nos Concertos Promenade da BBC (Proms) em 2007. A discografia de Christian Poltéra tem recebido grandes elogios da imprensa internacional e reflecte o seu repertório variado, incluindo os concertos de Dvorák, Toch, Martin, Honegger, Schoeck, Dutilleux e Lutoslawski, bem como música de câmara de Prokofiev, Fauré, Saint-Saëns, Mozart e Schubert.



CCB

**ESTREIA
NACIONAL**

Madalena aos pés de Cristo

Oratória de **Antonio Caldara (1670-1736)**

Divino Sospiro

Enrico Onofri direcção

Gemma Bertagnoli soprano

Maria Hinojosa Montenegro soprano

Paz Martinez Gil alto

Martin Oro contratenor

Fernando Guimarães tenor

Hugo Oliveira baixo

1 Abril 21h

Grande Auditório / + 12 anos

DESCONTO **CARTÃO AMIGO CCB**

© Gabriel Wüger (1829-1892)

**DIVINO
SOSPIRO**

Orquestra em Residência no CCB
Temporada 2009-2010

WWW.CCB.PT BILHETEIRA ONLINE
TRAGA O SEU BILHETE DE CASA